



A CORAGEM BUTLERIANA DE PENSAR O GÊNERO*

Ana Laura Arnhold**

A proeminente pesquisadora, teórica e filósofa dos estudos *queer*, Judith Butler, publica seu livro intitulado *Quem tem medo do gênero?* (2024), desenvolvido desde 2017 após uma visita conturbada ao Brasil, que culminou em uma manifestação contra a autora e a “ideologia de gênero”. Uma efígie de Judith Butler foi incendiada ao entoarem “queimem a bruxa”, gerando uma série de inquietações que a conduziram a pensar sobre poder de amedrontar e enraivecer do gênero.

Inicialmente, a autora apresenta alguns conceitos já consolidados em suas obras precedentes, mas que são retomados a fim de contextualização. Há também uma notável preocupação em compreender de que forma esses conceitos têm se manifestado na política, cultura, sociedade e educação. Butler se dedica a pensar de que forma o gênero tem produzido temores, estranhamentos e movimentos frente às dinâmicas sociais, sobretudo pela influência patriarcal, religiosa, racista e colonial.

O livro está dividido em dez capítulos, além da introdução e conclusão, que não serão tratados individualmente nessa resenha, já que, na forma que Butler conduz sua escrita, há retomadas frequentes dos elementos abordados que não necessariamente são delimitados pela temática proposta por cada capítulo, ou seja, alguns capítulos se convergem entre si, gerando atravessamentos e emaranhamentos condizentes com as escolhas discursivas de Butler em sua vasta obra.

* Resenha da obra: BUTLER, Judith. *Quem tem medo do gênero?* São Paulo: Boitempo, 2024.

** Doutoranda em Educação nas Ciências (UNIJUÍ), bolsista Capes, licenciada em Ciências Biológicas (UNIJUÍ). E-mail: analaura_arnhold@hotmail.com

Deste modo, essa resenha tem como objetivo suscitar os principais elementos abordados no livro, a fim de compreender de que modo o gênero tem gerado e enfrentado embates políticos nos últimos anos.

Butler inicia sua argumentação com críticas contundentes acerca da influência da Igreja Católica e do pensamento judaico-cristão – de modo generalista –, na percepção social do que significa “gênero”. A partir disso, a autora sustenta que o termo “ideologia de gênero” carrega intencionalmente uma conotação dogmática, a fim de gerar pânico moral, sendo, portanto, amplamente utilizado como termo chave do discurso antigênero.

A palavra “ideologia”, nesse caso, opera como mecanismo discursivo que representa um conjunto de ideais, valores, normas e visão de mundo. Pode-se dizer, portanto, que a “ideologia de gênero” foi produzida para significar um sistema normativo comportamental, sexual e corporal que deturpa, corrompe e doutrina os sujeitos, em especial as crianças, o que acarretaria no desalinhamento da ordem estabelecida por Deus do que se conhece como sendo homem e mulher.

Portanto, a autora é categórica ao demarcar a influência do pensamento judaico-cristão como precursor para o combate aos estudos de gênero, ou qualquer abordagem política e educativa que utilize o conceito. Conhecido por declarações que flertam com alguns ideais progressistas, Papa Francisco manifestou-se de modo diferente acerca do gênero. Como é esperado dos membros mais conservadores da Igreja Católica, o Papa aconselhou seus fiéis a pensarem nas armas nucleares, na manipulação genética, na manipulação da vida e na teoria de gênero, como elementos de caráter destrutivo.

Tal declaração contribui para alimentar um imaginário fantasioso do que poderia se tratar o gênero e as teorias que o sustentam. Os estudos feministas já são alvo consolidado de acusações de uma deturpação da “natureza da mulher”, vinculadas também ao discurso cristão. Porém, tratar de gênero parece gerar uma repulsa maior do que a gerada pelo feminismo.

Diante disso, Butler pontua que o discurso antigênero tem se fortalecido graças à uma aliança entre a Igreja Católica e Evangélica, que têm deixado as divergências de lado a fim de combater “um mal maior”. Os ataques ao gênero têm ocupado também as escolas e universidades pelo mundo todo, gerando movimentos políticos para proibir o

ensino de pautas feministas, raciais, e de diversidade e igualdade de gênero, e tudo aquilo que possa ameaçar o ideal branco, heterossexual, patriarcal e cisnormativo.

A atenção voltada ao sistema educacional reside também no imaginário de que é ensinado que todos podem escolher seu gênero, sexo ou sexualidade. Butler afirma que “a proposição de que o gênero é uma construção social levou algumas pessoas a concluir que os indivíduos podem escolher seu gênero como bem entenderem e a qualquer momento”¹, o que culmina no medo de que gênero e sexualidade podem ser aprendidos, a partir de uma suposta deformação. Butler ainda afirma que:

Em 2013, católicos e evangélicos deram seguimento à superação de suas diferenças para forjar uma aliança visando derrubar a proposta do Plano Nacional de Educação (PNE) e eliminar qualquer referência a gênero na educação. Daí em diante, foram aprovadas centenas de leis municipais e estaduais contra gênero na educação. O discurso de posse de Bolsonaro, no início de janeiro de 2019, continha o compromisso de erradicar a ‘ideologia de gênero’ nas escolas, e ele prometeu resistir à ‘submissão ideológica’.²

Ainda, os direitistas conservadores, mesmo obcecados em combater as ideologias que tanto os amedrontam, possuem dificuldade em diagnosticar as suas próprias. Vale ressaltar que a autora não responsabiliza em absoluto os dogmas religiosos por todo esse percalço enfrentado pela população LGBTQIAP+ e demais grupos considerados vulneráveis. Acredita-se que o medo do gênero também se manifesta em espaços laicos, em que a ciência e a biologia são requeridas como subsídio teórico para atribuir ao gênero uma equivalência à dinâmica biológica de macho e fêmea. Nesse ponto, Butler aponta semelhanças ideológicas entre as feministas transexcludentes – também conhecidas como feministas radicais – com conservadores, religiosos ou não. Mesmo que a luta contra o patriarcado seja um ponto em comum com as demais vertentes de feminismos, as feministas radicais são críticas ao gênero e não apenas às desigualdades de gênero, o que acaba por excluir sujeitos que vivem o gênero como uma experiência identitária diferente das atribuições dadas ao nascer.

Na perspectiva de um feminismo radical, o sexo biológico é a única coisa real e material na natureza em que machos e fêmeas existem e se relacionam. Essa ideia encurta as possibilidades de conceber uma psique humana complexa, que é tão real como a biologia corporal. Butler completa que “Na verdade, o termo “gênero” não nega

¹ BUTLER, 2024, p. 47.

² BUTLER, 2024, p. 51.



a materialidade do corpo, apenas questiona como ela é enquadrada, por quais meios é apresentada e como essa apresentação afeta o que entendemos a seu respeito.”³

Ainda, Butler retoma sua preocupação com a censura em escolas estadunidenses, em que discutir sobre diversidade, igualdade e solidariedade pode ser visto como apologia à “mudança” de sexo e estímulo à prática sexual, quando na verdade a proposta é apresentar aos estudantes temáticas comuns que fazem parte das disciplinas como ciências, sociologia, filosofia e biologia, sendo fundamentais para o desenvolvimento do pensamento crítico, da identificação de abusos, noções de consentimento e compreensão do próprio corpo.

Em relação ao sexo, a autora apresenta pesquisas que apontam a cultura e as interações sociais como importantes produtoras do aspecto biológico. Ou seja, os corpos de fêmeas e de machos possuem, frequentemente, diferenciações na força muscular, altura e peso, que podem ter sido determinadas por milhares de anos de evolução em que o ambiente operou a partir de convenções comportamentais e não o contrário.

Os atravessamentos entre gênero e raça também são tratados na obra, já que para Butler “O gênero aqui só chega com a branquitude. Fora das normas da branquitude, os corpos tornam-se carne, indiferenciados e desprovidos de gênero.”⁴ Neste sentido, o racismo histórico que enquadra o corpo negro em condição de maior vulnerabilidade frente às violências sistêmicas, o classifica como uma vida minorizada ou desumanizada. Com isso, o gênero passa a produzir diferentes questionamentos quando pensado sob a lente da raça.

Por fim, a autora acredita que questionamentos, dúvidas, e até mesmo preconceitos podem ser respondidos e desconstruídos com argumentos bem embasados, porém, conviver com crenças, valores e princípios discordantes é inevitável, e sempre fará parte da condição humana:

A solidariedade exige conviver com antagonismos que nem sempre podem ser resolvidos; conviver, entre outras palavras, com o insolúvel, permanecer na luta contra essas formas de poder [...] Mesmo que não possamos deixar nossas diferenças de lado, devemos carregá-las, discutindo-as ao mesmo tempo que forjamos uma solidariedade para o futuro [...].⁵

³ BUTLER, 2024, p. 119.

⁴ BUTLER, 2024, p. 226.

⁵ BUTLER, 2024, p. 138.



Ter coragem de pensar o gênero é percebê-lo como forma complexa, mutável, inacabada, que permite questionamentos e rupturas. Gênero é um conceito, uma categoria de análise, uma mobilização de comportamentos, pensamentos, subjetividades e corporalidades. E tudo mais que virá.

Recebido em: 16 jul. 2024.

Aceito em: 04 out. 2024.